



Ufac inaugura novos espaços para salas de aula e laboratórios

Página 3



MAGDA TOMAZ

Ufac atualiza acervo da Biblioteca Central

Página 4



JOÃO PETROLITANO

ENTREVISTA

Olinda Assmar fala da sua gestão frente a Ufac

Páginas 6 e 7

Estudantes participam de Congresso Nacional

Página 5

Novo mestrado na Ufac no segundo semestre de 2011

Página 4



DIVULGAÇÃO

Juruá tem matéria prima para fabricação de perfumes

Página 9



EDSON GUILHERME DA SILVA

Tese identifica 665 espécies de aves no Acre

Página 12



ELÍZIO FRADE JUNIOR

Ufac desenvolve projeto de extensão no Vale do Juruá

Página 11

Honradez elementar e alimentar



JORGE OLÍMPIO BENTO

Vi v e m o s um tempo de crise na sociedade e na Universidade. Não é possível voltar atrás. Mas é possível e desejável inventar o novo. Por isso somos chamados, mais do que nunca, a um ato criador, que só pode resultar do empenho coletivo. Para tanto devemos ter noção clara do ponto de partida e da meta almejada, acerca do modo de nos organizarmos e funcionarmos. Gostemos ou não, a nossa conduta

assemelha-se muito a um modelo de comportamento etológico. Ou seja, é frágil o sistema de ação e consideração coletiva. A Faculdade - e não apenas a nossa - ainda não deixou de ser uma agregação de indivíduos movidos por motivações e finalidades próprias, ao serviço das quais colocam a instituição. Esta cumpre uma função instrumental, de extremosa e obrigatória ‘mãe nutritiva’ dos interesses individuais. Urge ultrapassar este modelo que encobre, perverte e alimenta as perversões dos seus atores (indivíduos ou grupos), amarra as instituições a funcionamentos arcaicos e as desvia da missão e dos fins

sociais que estão na sua gênese. Não há volta a dar, impõe-se exercitar e praticar o salto para um modelo ético de organização e funcionamento, entendendo aqui a ética no sentido que Paul Ricoeur (1913-2005) lhe confere: estar bem com os outros e para os outros em instituições justas. Com isto não se pretende que os atores institucionais estejam mal e não realizem as suas legítimas ambições, expectativas e finalidades próprias. Pretende-se, sim, que estejam bem, acantonados não em interesses individualistas, mas instalados em perspectivas e projetos comuns, com os outros e para os outros, por dentro e em com-

promisso com a instituição – e que esta tenha a sua matriz na justiça. É esta preocupação que deve modelar a organização e o funcionamento da instituição, tal como o comportamento dos seus atores. Somente neste ambiente pode frutificar uma cultura do estar bem, na qual reine a cooperação sobre a rivalidade, a doação sobre a egolatria, a ação coletiva sobre o agir isolado, os fins institucionais sobre as fixações perversas, o desenvolvimento sobre o arcaísmo.

Jorge Olímpio Bento é doutor em Pedagogia do Desporto e professor titular da Universidade do Porto (Portugal).

O que se deve esperar de um estudante universitário?



SÉRGIO BRAZIL JÚNIOR

O que se pode esperar de um aluno universitário, do ponto de vista dos saberes adquiridos em sua vida escolar, seja ele da engenharia, do direito, da enfermagem ou da economia? Acredito, e acho que quase todos os docentes devem também acreditar, que os universitários devem saber ler e escrever, mas também devem saber fazer contas. Em outras palavras, devem ser capazes de somar, subtrair, multiplicar e dividir de uma maneira eficaz. Infelizmente, não é isso que, em nosso cotidiano, estamos observando em uma boa parte dos nossos discentes. É comum encontrarmos alunos com “deficiências” assustadoras com

relação às operações básicas. Se for com números decimais ou frações, aí sim, é “um Deus nos acuda”. Saber manusear com números, sejam eles inteiros ou decimais, deveria ser algo como saber ler ou escrever para um aluno universitário, uma vez que o mesmo passou aproximadamente dez anos de sua vida convivendo com situações relacionadas. Além disso, muitos problemas no nosso dia a dia seriam resolvidos de maneira rápida, como, por exemplo, calcular uma porcentagem, ou saber quantos metros quadrados de lajotas deve ser usado na área de lazer da própria residência. O que estaria acontecendo com esses alunos? Várias perguntas ficam no ar. Os professores do Ensino Fundamental não estariam ensinando essas operações básicas (não acredito nisso!)? Os alunos estariam confiados,

pelo fato de saberem que não serão reprovados, em virtude de algumas políticas equivocadas (no meu entendimento)? O fato de os professores não serem bem remunerados, como profissionais de outros cargos, tem a ver com isso? Talvez. A título de exemplo dessa questão salarial, é certo que hoje é melhor ser policial militar (sem desmerecer a profissão) do que ser professor. Determinada ocasião fiquei assustado quando um aluno de um curso de Ciências Exatas, que recém havia passado no vestibular, me perguntou como somar fração. Meu Deus – pensei –, como isso é possível? Como essa criatura passou no vestibular? O vestibular realmente seleciona? Outra situação deu-se quando um aluno de um curso de Ciências Humanas me disse: “Para que devo saber dividir, se existe a calculadora?” Muito bem -

pensei eu -, de fato existe a calculadora para ajudar-nos. No entanto, não podemos simplesmente depender desse argumento e desmerecer um aprendizado que deveria fazer parte de nossa cultura. Fato é que devemos resgatar o verdadeiro significado de ser um aluno universitário, que deve sim saber de sua área de conhecimento específico, mas também deve está “antenado” com as outras ciências, principalmente com aquelas que são imprescindíveis para o seu dia a dia. Vamos pensar na nossa melhor idade e lutar contra o mal de Alzheimer. Vamos exercitar nosso cérebro. Vamos fazer contas sem precisar das calculadoras... Pelo menos em determinadas ocasiões...

Sérgio Brazil Junior, doutor em Matemática pela UnB, professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas – CCET da Ufac. (sbrazil@bol.com.br)

DCE: uma luta contínua em prol da comunidade estudantil



MAIK DA S. ARAÚJO

O surgimento da entidade denominada Diretório Central dos Estudantes coexistiu com as diversas lutas e reivindicações realizadas pelos alunos das grandes universidades brasileiras, os quais estavam buscando melhor tratamento à classe estudantil, por uma série de motivos, desde o amordaçamento nos tempos da ditadura militar, bem como em alguns dos governos anteriores, e

as diversas problemáticas sociais. Seguindo o mesmo modelo, surge o DCE na Ufac, inicialmente como reflexo dos objetivos pregados pelos outros DCEs das diversas universidades brasileiras. A filosofia idealizada e almejada pela referida entidade estudantil é a de zelar pela luta e proteção dos estudantes em geral, desde universitários a colegiais, pois legitimamente cabe ao mesmo a defesa dos direitos e interesses coletivos e individuais da citada classe, buscando acima de tudo construir templos às virtudes e direitos conquistados ao longo das lutas

sociais, além de cavar muralhas aos vícios, degradações e problemas que afligem a referida classe, dessa forma não permitindo a execução de qualquer ação que venha de encontro aos interesses da sociedade em seu todo e, particularmente, a classe estudantil. O DCE deve também ser justo no sentido de agir em prol da justiça social e não contaminar-se por injustiças e vinculações partidárias, pois assim como determinadas entidades privadas e públicas, as quais lutam pelo bem estar da sociedade em geral, deve ser neutro de interesses partidários, para assim ter legitimidade em sua causa. De fato, uma entidade que luta pelos estudantes em sua complexidade, não pode e não deve jamais estar presa a uma ideologia partidária, mas ser independente, no sentido de concretizar seus objetivos e não falhar no seguimento da linha dos bons costumes sociais. O DCE da Ufac, na atual gestão, faz do estudante seu ator principal, sendo que organizamos e estruturamos o diretório, colocando pra funcionar em busca de sempre atender com respeito e aten-

ção quem nos procura na nossa secretaria e com a sala de jogos sempre aberta pra entretenimento dos alunos. Além disso, apoiamos e realizamos eventos culturais na universidade como, por exemplo, realização de palestras, festas e exposições. E igualmente lutamos para manter o valor da alimentação do RU acessível, fazemos e entregamos rapidamente a carteirinha de estudante e, de forma barata, também estamos sempre combatendo e reivindicando pela falta de professores nos cursos, e atuando em denúncias pra acabar com a ação daqueles profissionais que não querem trabalhar e que, infelizmente, prejudicam os alunos e o ensino. Estamos sempre pensando no social e por isso resolvemos promover o trote solidário com doações de roupas, brinquedos e alimentos para ajudar nossa população carente. Por último, queremos dizer que o DCE está aí, na luta contínua para defender os direitos dos alunos em primeiro lugar.

Maik da S. Araújo é presidente do DCE da Ufac.

JORNAL DA UFAC

E X P E D I E N T E

Reitora: Olinda Batista Assmar
Vice-Reitor: Pascoal Torres Muniz
Assessor de Comunicação: João Petrolitano Gonçalves de Assis MTb/AC 0120/08
Edição: Francisco de Moura Pinheiro MTb/AC 085
Revisão: Beneilton Damasceno
Textos e Fotos: Francisco Dandão, Magda Tomaz e Jahnnynne Lima
Colaboradores: Jersimar Silva e Leonésio Ponce
Tiragem: 2000 exemplares
Diagramação: Rodrigo Torres MTb/AC 02/02
Email:ascom@ufac.br. Telefone: (068) 3229-1799. Site: www.ufac.br

Ufac investe em construções no campus de Rio Branco

Cinco novos blocos destinados a salas de aula e laboratórios foram inaugurados este ano na Ufac

MAGDA TOMAZ

Foram mais de 30 milhões investidos em mais de 3.000 m², nos últimos dois anos, no campus da Universidade Federal do Acre (Ufac), em Rio Branco, que acomoda cerca de oito mil pessoas, distribuídas entre técnicos, docentes e estudantes.

Os valores atendem à necessidade de investir na construção de novos espaços, por conta do crescimento da instituição com a contratação de novos técnico-administrativos, bem como do aumento de vagas ofertadas em cursos antigos, além dos novos cursos criados.

Os espaços têm uma estrutura arquitetônica semelhante aos antigos blocos construídos no final dos anos de 1970, que ainda acomodam áreas administrativas e salas de aula. Caso dos blocos Jarbas Passarinho e Francisco Wanderley Dantas, que abrigam, respectivamente, os cursos de Direito e Economia, os mais antigos da universidade.

Segundo o chefe de Serviço de Obras e Manutenção da Prefeitura do Campus da Ufac, André Queiroz, a decisão de manter a mesma estrutura é devido ao clima do estado. Por estarmos em uma região quente, esse modelo de blocos oferece condições térmicas mais agradáveis aos usuários.

“As estruturas adotadas no campus são para proporcionar uma melhor condição aos usuários, uma vez que essas construções apresentam boas con-



Pascoal Muniz, Rusleyd Abreu, Olinda Assmar, Jaider Almeida e Francisco Magnésio inauguram bloco de sala de aula

dições térmicas. Além disso, esses blocos, construídos com essa configuração, nos possibilitam uma menor manutenção. São obras que não necessitam de grandes gastos para mantê-las, o que significa economia para a instituição”, afirma.

Além desses novos empreendimentos, a Ufac está também investindo em obras e instrumentos que facilitam a acessibilidade de usuários portadores de necessidades especiais. Blocos antigos, com dois pisos, não contam com rampas ou elevadores para estes usuários. A instituição adquiriu qua-

torze plataformas elevatórias para serem instaladas em blocos como estes. Elas deverão estar à disposição do público ainda neste semestre.

A demanda de público e serviços oferecidos na Ufac resulta em novas discussões estruturais para a unidade, sendo que debates sobre possibilidades de verticalizar alguns espaços na instituição não estão descartados.

“A universidade precisa crescer. A cidade está crescendo e isso demanda uma quantidade maior de alunos na instituição. E a gente precisa planejar esse crescimento. Não podemos mais ocupar gran-

des espaços com pequenas obras”, explica André Queiroz.

A instituição conta com 296 hectares de espaço. Destes, 170 hectares correspondem ao Parque Zoológico (PZ), ambiente protegido por lei, que impossibilita a construção nessa área.

“As áreas que poderiam ser aproveitadas para construção estão diminuindo. Poderíamos fazer um planejamento maior onde um bloco ocupe mais unidades. Isso esbarra na questão de financiamento. É muito mais fácil conseguir um milhão do que conseguir dez milhões”, afirma Queiroz.

No último mês de março, a universidade promoveu a inauguração de cinco novos blocos. Bloco de Mestrado, bloco de Artes Cênicas e Música, Arquivo Geral da Ufac, blocos de salas multidisciplinares e laboratórios de Química e Biodiesel.

Arquivo Geral

O bloco onde será instalada o Arquivo Geral da universidade tem área de 1,5 mil metros quadrados e 800 metros quadrados de estacionamento e contou com um investimento de R\$ 1,4 milhão.

Segundo o diretor do Arquivo Geral da Ufac, Dário Lopes Figueiredo, o novo prédio vem com uma proposta de ‘desafogar’ todos os órgãos da universidade.

“O objetivo principal desse empreendimento é o de facilitar o acesso aos documentos históricos e permanentes da instituição contribuindo para pesquisa e formação dos próprios estudantes e professores”, destacou Figueiredo.

O sistema é direcionado para economia de espaço e para a não-proliferação de micro-organismos que possam danificar os documentos.

Segundo o diretor, após a mudança do órgão para o novo prédio, terá início o sistema de digitalização dos documentos. “Queremos transformar esse espaço num arquivo vivo e o processo de digitalização é um bom início”, afirma Dário Lopes.

A previsão é de oito meses para que o Arquivo Geral da Ufac esteja organizado no novo espaço.

Próxima parada: Europa!

MAGDA TOMAZ

- Você certamente já deve saber da importância de fazer um intercâmbio, principalmente se o país escolhido for do continente europeu. A Universidade Federal do Acre (Ufac) proporciona à comunidade acadêmica essa modalidade.

São cinco países da Europa (Portugal, Espanha, Itália, Bélgica e Alemanha) que tem parceria com a Ufac. Doze estudantes do campus de Rio Branco foram contemplados, até o mês de abril deste ano, com bolsas que variam de 1000 a 1500 eu-

ros. Em algumas parcerias, os alunos ganham passagens, alojamentos e alimentação.

Para os alunos que já participaram do intercâmbio, a experiência é única. É o caso de Joyb Ramos Filho, ele é aluno do sétimo período do curso de Licenciatura em Letras/Inglês e foi contemplado com um intercâmbio de seis meses na Alemanha.

“Conhecer a Europa mudou minha vida. Aprendi o quanto é importante investimento em educação. Vi modelos novos, interessantes para pôr em prática na sala de aula. Espero transmitir a minha experiência

para os meus futuros alunos e incentivá-los a serem os novos revolucionários na educação”, afirma Joyb Filho.

Todos os semestres a Assessoria de Relações Interinstitucionais da Ufac, órgão responsável pelas parcerias, publica editais para intercâmbio. Para poder concorrer a uma das vagas, é necessário que os candidatos tenham boas notas nos seus respectivos cursos e influência na língua do país pleiteado.

Segundo o assessor de Relações Interinstitucionais da universidade, Rosenato Pontes, a Ufac tem interesse em investir



Joyb Filho, estudante de Letras/Inglês, passou seis meses na Alemanha

em bons alunos. “Temos que investir em alunos que tenham bons rendimentos acadêmicos. É justo que o aluno que tenha boas notas seja premiado. É uma forma de reconhecer qualidades e investir em futuros

profissionais que possam nos apresentar resultados positivos futuramente” afirma

Agora você já sabe como a Ufac pode te levar para a Europa. Então, é só escolher o país e fazer as malas!

Universidade atualiza acervo da Biblioteca Central

Um milhão e meio de reais serão investidos este ano pela Ufac na aquisição de novos livros

JAHNNYNE LIMA

Romance, literatura, medicina, física quântica, jornalismo, economia, história, matemática, francês e até latim você encontra nas velhas estantes da Biblioteca Central da Universidade Federal do Acre (Ufac). Alguns volumes datados de mais de cinquenta anos, com suas poéticas páginas amareladas e o inconfundível cheiro de livro velho. Outros são mais recentes.

No todo, a Ufac conta com a já conhecida Biblioteca Central, dezesseis bibliotecas setoriais, distribuídas nos municípios do Estado, e uma biblioteca escolar, localizada no Colégio de Aplicação. A Biblioteca Central está localizada no campus universitário de Rio Branco e o seu acervo chega a mais de 140 mil exemplares, distribuídos em mais de 4.000m².

A estrutura do espaço está sendo melhorada. O aluno que visita a biblioteca, além do acervo, tem acesso à sala climatizada, conta com auxílio de profissionais qualificados, biblioteca virtual e desde a últi-



O aluno que visita a Biblioteca Central, além de acesso aos diversos títulos, conta com auxílio de profissionais qualificados

ma reforma, realizada em 2009, a Biblioteca adequou suas instalações para receber usuários portadores de deficiência física.

De acordo com Marcelino Monteiro, Diretor da Biblioteca Central, as mudanças são positivas, pois além de tornar o ambiente propício aos estu-

dos, a Biblioteca proporciona também uma melhor estrutura física aos usuários. Sobre aquisições de volumes, o diretor destaca ser “importante manter o acervo atualizado, uma vez que esse tipo de investimento contribui para elevar a qualificação de estudan-

tes, pesquisadores e alunos”.

No ano de 2010, de acordo com a direção da Biblioteca, 400 mil reais foram investidos em material bibliográfico. Neste ano, cerca 1,5 milhões de reais serão investidos na aquisição de novos volumes. O objetivo é que até 2014 uma

comissão seja formada para avaliar as obras disponíveis, além de instalação de salas audiovisuais e criação de acervos para usuários portadores de necessidades especiais.

Investimentos também serão feitos na biblioteca virtual que, segundo Marcelino Monteiro, passará a ser modernizada a partir deste semestre, onde a sala climatizada será ampliada e os equipamentos modernizados. O diretor agrega a busca dos alunos às boas possibilidades ofertadas pelo atendimento para encontrar os livros, alegando que a praticidade nas informações é o diferencial da Biblioteca da Ufac. Ressalta que é necessária a conscientização da comunidade acadêmica quanto ao bom uso do espaço.

A biblioteca, que tem horário de atendimento das 07h30 às 21h, além de atender a comunidade acadêmica é aberta ao público, possibilitando ao cidadão que não possui vaga nos cursos ofertados pela Instituição uma maior proximidade com o conhecimento encontrado em tanto em livros quanto em revistas e até mesmo em monografias e teses produzidas pelos acadêmicos da Ufac.

Ufac lança novo programa de mestrado

JAHNNYNE LIMA

- Grande parcela dos acadêmicos ao concluir a etapa de graduação idealiza planos e traça metas, visando, em sua maioria, dar continuidade à iniciada trajetória de estudos. O próximo passo então é a escolha de que etapa seguir, muitos destes optando pelo mestrado.

A Universidade Federal do Acre (Ufac), que até o final do primeiro semestre de 2011 ministra cinco programas de pós-graduação, em nível de mestrado, passará a ofertar a comunidade acadêmica mais um mestrado, sob o título Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Inovação na Amazônia (PPG-CITA), que tem como área de concentração “Ciência e Inovação Tecnológica”.

Aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Supe-

rior (Capes), o mestrado será oferecido em parceria com a Embrapa-AC, a partir do segundo semestre deste ano e terá duração de dois anos.

Docentes colaboradores

Os programas de mestrado da Universidade são vinculados à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, sendo que alguns destes tem incidência maior de professores pertencentes a um determinado centro, como é o caso do PPG-CITA, que apresenta em seu quadro de docentes permanentes um maior número de professores do Centro de Ciências Biológicas e da Natureza (CCBN), situado no Campus Rio Branco, professores do Centro Multidisciplinar (CMULT), pesquisadores da Embrapa-AC, e conta ainda

com docentes colaboradores da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Universidade Federal de Rondônia (Unir) e Universidade Federal de São Carlos (UFScar).

Ciência e tecnologia

“O novo mestrado possui grande relevância para Ufac, pois é voltado para ciência, tecnologia e inovação, área extremamente importante hoje em dia, principalmente no que se refere à questão de patentes, bem como à criação de novos modelos tecnológicos. Vai também proporcionar na relação uma interessante relação interativa da Ufac com algumas indústrias voltadas a área da inovação”, explica a professora Rusleyd Maria Magalhães de Abreu, pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufac.



Rusleyd Magalhães de Abreu, pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufac

As atividades de ensino deste novo mestrado serão realizadas no campus da Ufac e/ou em laboratórios da Embrapa-AC. Já as ati-

dades de pesquisa serão realizadas em cooperação com instituições de pesquisa de toda região sul-ocidental da Amazônia.

Ufac participa do 47º Congresso de Medicina Tropical

Trabalhos dos estudantes acreanos foram apresentados com destaque em evento nacional

FRANCISCO DANDÃO

Nove acadêmicos e três professores do curso de Medicina da Universidade Federal do Acre (Ufac) participaram do 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, realizado no período de 23 a 26 de março, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, cujo tema central foi a questão das doenças que hoje se alastram pelos grandes centros urbanos.

Mas o melhor de tudo foi que os acadêmicos acreanos não se limitaram ao papel de ouvintes neste congresso de Medicina Tropical, apresentando onze trabalhos (sendo dois na forma de comunicação oral e outros nove em forma de pôsteres), originários de projetos de Iniciação Científica, sob a orientação das professoras Mônica da Silva Nunes e Rita Uchôa.

Ao final das atividades, pelo menos uma outra boa notícia para o Acre, votado pelos participantes para sediar o próximo congresso, em 2014, num trabalho desenvolvido pelo coordenador do curso de Medicina da Ufac, professor

Thor Dantas, para quem esse tipo de evento, com pesquisadores de todo o Brasil “proporciona uma experiência única para os alunos”.

Os discentes que participaram do referido evento científico foram: Aline Cristina Marino do Nascimento, Antonio Camargo Martins, Athos Muniz Braña, Breno Matos Delfino, Fernando Luiz Cunha Castelo Branco, Humberto Oliart Guzman, Leticia Fernanda Müller, Saulo Augusto Silva Mantovani, Thasciany Moraes Pereira. Professores: Mônica da Silva Nunes, Rita Uchôa e Thor Dantas.

FRANCISCO DANDÃO



Delegação acreana no Congresso de Medicina Tropical, realizado de 23 a 26 de março, em Natal, RN

Professores Thor Dantas, Rita Uchôa e Mônica Nunes

Os trabalhos dos acadêmicos acreanos

- **Perfil epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana no Município de Assis Brasil, Acre (2003-2006)** - Este trabalho mostra como a doença Leishmaniose se distribuiu em Assis Brasil, tendo relação com a profissão e moradia na zona rural.
- **Mansonelose no Acre: relato de caso clínico** - Trata-se de um caso de um paciente indígena, procedente de Boca do Acre-AM, que obteve o diagnóstico de mansonelose, cujo agente causador é uma filaria até então não descrita em Rio Branco.
- **Aleitamento materno e fatores associados na população urbana infantil do município de Assis Brasil, Acre, 2010** - O aleitamento materno tem importância na

prevenção de doenças e desenvolvimento saudável das crianças. Este trabalho investigou o que faz as mães amamentarem ou não seus bebês.

- **Aspectos nutricionais da população urbano-infantil de um município da Amazônia Ocidental** - O excesso de peso, bem como a desnutrição, são problemas nutricionais que podem afetar as crianças. Em Assis Brasil, a obesidade em crianças tem aumentado nos últimos anos e, além disso, as crianças têm crescido menos, mostrando uma deficiência importante na alimentação.
- **Avaliação da cobertura vacinal em crianças de 0 a 5 anos do município de Assis**

Brasil, AC - Este trabalho investiga se as crianças receberam as vacinas corretamente, tanto quanto à dose quanto à data da vacinação.

- **Características da transmissão da malária em área de ocupação recente na Amazônia Ocidental brasileira (2009-2010)** - A malária é uma doença importante na Amazônia, e as áreas de assentamento rural são muito afetadas. Este estudo investiga como a malária se distribui nessas áreas.
- **Determinantes socioeconômicos e ambientais de diarreia infantil em Assis Brasil-Acre** - A diarreia infantil se relaciona com o meio-ambiente e com as condições de mo-

radia das crianças, segundo os resultados da pesquisa.

- **Perfil epidemiológico dos casos de hanseníase notificados no município de Assis Brasil, Acre (2003-2010)** - A hanseníase é uma doença muito frequente na Amazônia e que pode afetar qualquer pessoa. Muitas pessoas têm a doença e não sabem, pois não procuram o serviço de saúde. Este estudo descreve os casos de hanseníase na cidade de Assis Brasil.
- **Impactos da estrada do Pacífico na prevalência de parasitoses intestinais em área urbana (Assis Brasil, AC, 2003-2010)** - Este estudo mostra quais são os vermes e outros parasitas mais comuns em crianças de 0 a 5 anos, na cidade de Assis Brasil, e como isso mudou entre 2003 e 2010.
- **Implicações clínicas e epidemiológicas dos intervalos de**

diagnóstico da malária em zonas de assentamento rural da Amazônia Ocidental

- O diagnóstico de malária é feito através de um exame microscópico. As mulheres procuram mais o serviço para fazer o exame, mas os homens são os que apresentam mais frequentemente a doença. Este estudo analisa quantas lâminas é necessário fazer para ter um exame positivo, no paciente que tem os sintomas da doença.

- **Internações hospitalares por doenças parasitárias no Estado do Acre** - Trata-se de uma avaliação do número de pacientes que foram internados no Acre tendo como causas de internações as doenças parasitárias, entre as quais a amebíase e a malária evidenciaram algumas das mais frequentes.

OLINDA BATISTA ASSMAR

Sonhos, convicções, planos e a se tornar reitora da Univ

FRANCISCO DANDÃO

Acreana do município de Brasiléia, com doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro da Academia Acreana de Letras, pertencente aos quadros do Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre (Ufac) desde

1971, a professora Olinda Batista Assmar é a primeira mulher a ocupar o cargo de reitora da instituição acreana, eleita no final de 2008 para um mandato de quatro anos.

Faltando pouco mais de um ano para encerrar a sua passagem pelo cargo máximo da Ufac, Olinda Assmar recebeu a reportagem do *Jornal da Ufac* para uma entrevista exclusiva, cujos principais trechos são reproduzidos abaixo.

Fale um pouco da sua trajetória acadêmica e profissional

Eu me formei em Letras Inglês, na primeira turma da Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro. Em Rio Branco, eu comecei a trabalhar como professora de alfabetização, na escola Mário de Oliveira, ali no bairro da Cerâmica, no finalzinho dos anos de 1960. Depois, eu entendi que não estava tendo os resultados que eu esperava com a alfabetização, achei que não era o meu lugar e então larguei. Foi quando eu comecei a trabalhar com turmas de quinta a oitava séries. Em seguida, trabalhei algum tempo com o Ensino Médio, onde eu pude fazer um trabalho com o qual eu fiquei satisfeita, isso na Escola Normal Lourenço Filho e em cursos profissionalizantes. Por essa época eu ingressei na Ufac, precisamente no ano de

1971, o que para mim foi, inicialmente, um grande desafio. Eu diria que foi a partir desse meu ingresso no ensino superior que, de fato, eu me encontrei, dentro de uma visão mais profunda de discussão e auxílio nas dificuldades dos alunos. Uma curiosidade na minha trajetória de estudante secundarista foi o fato de que eu me dava muito bem com as disciplinas de Química, de Matemática e de Física. E isso me valeu, inclusive, um cargo de assistente da disciplina Matemática, que era ministrada pelo professor Áulio Gélío. Só depois é que eu fui me interessar pela área de letras e literatura.

Professora, a senhora tentou ser reitora da Universidade Federal do Acre em três oportunidades, só conseguindo a eleição na terceira tentativa... Qual foi a sua motivação para insistir nessa idéia?

Na primeira vez que eu disputei a Reitoria, foi uma época em que existiam poucos doutores na instituição, e isso me fez crer que eu teria alguma chance de ser eleita. No segundo ano que eu me candidatei já foi mais por insistência dos colegas que me acompanhavam na luta de viabilizar algumas idéias que pudessem engrande-

cer a Ufac. Eu já havia sido secretária de Educação do Estado onde, no meu entender, apesar de não ter passado muito tempo no cargo, fiz um bom trabalho. Com essa experiência anterior de gestora pública, eu entendia que poderia ajudar a universidade ocupando o cargo de reitora. Mas, apesar de tudo, outra vez eu não tive sucesso nas urnas. Na terceira vez, que é quando eu fui eleita, eu não tinha mais a menor pretensão de concorrer. Mas, novamente, as pessoas que tinham estado comigo nas situações anteriores me convenceram que eu deveria tentar outra vez. Essas pessoas me fizeram

ver que eu não estava sozinha na luta e que eu tinha que honrar a confiança de todos aqueles que sempre acreditaram no meu trabalho. Eu diria que foi um momento em que eu acabei sendo levada pelos colegas que sempre me apoiaram e que me pressionaram

para levar à frente o compromisso de dirigir a Ufac. Dessa vez deu certo e já estou há mais dois anos na reitoria.

Entre a segunda e a terceira tentativas houve um período de vice-reitorado...

Exatamente. Eu tive um período de vice-reitorado. Foi logo que o meu marido, o advogado Emílio Assmar, faleceu. Eu não queria de maneira nenhuma concorrer. Eu já havia perdido duas eleições para a reitoria e recém perdera meu companheiro. Eu entendia que não era um bom momento para concorrer a alguma coisa ou, muito menos, para assumir um cargo tão importante dentro da universidade. Na minha cabeça, o momento era de outro colega. Tanto isso é verdade que o grupo que havia me apoiado anteriormente eu trouxe para as reuniões de escolha do nome que sairia candidato na chapa do então reitor Jonas Filho, candidato à reeleição. Eu preferia que a candidata, ou o candidato, fosse uma daquelas pessoas. Mas os colegas que estiveram sempre comigo foram firmes no sentido de que eu deveria sim ser candidata a vice-reitora, naquele momento, formando a chapa com o reitor Jonas Filho. Como eu

nunca tive nada contra a administração dele, muito pelo contrário, cedi às pressões e aceitei ser candidata a vice-reitora.

Dois anos depois de assumir a reitoria da Ufac, o que, efetivamente, foi possível e o que não foi possível fazer das suas metas iniciais?

Olha... Eu faço uma avaliação positiva da nossa administração. Isso porque eu sempre digo, publicamente, que o reitor Jonas Filho expandiu a universidade e a minha função agora é de organização. Eu faço essa comparação, da minha administração e a dele, com o Estado do Acre, cujos primeiros anos do PT, no governo do Jorge, expandiu a participação do poder público, fez muitas obras, e agora, a parte do Tião Viana, que diz respeito à infra-estrutura que precisa ser feita na periferia, na base, para, realmente, melhorar a vida da população. E é isso que eu estou fazendo aqui. Continuando nessa linha de raciocínio comparativo, nós estamos, por exemplo, reorganizando a universidade como um todo. Assumimos num momento de muito controle externo, no qual se a gente não se adaptar não consegue sobreviver... E isso tem dado um trabalho muito grande. Como exemplo, eu posso citar a questão do arquivo da universidade.... Foi prioridade nossa fazer um bloco para o arquivo geral da universidade. O arquivo geral é a vida da instituição. Essa vida não pode estar jogada no chão, muito menos no canto da parede. Então, isso foi feito. Outra coisa é que todas as resoluções estavam atrasadas. O novo Estatuto da instituição havia sido aprovado em 2005, mas até agora não tinha sido aprovado o Regimento Geral, o que nós estamos tentando fazer no momento. Nesse sentido, todas as resoluções que nós estamos aprovando, o são no sentido de que a universidade funcione melhor. Tudo está sendo disciplinado. Eu acho que esse reordenamento interno é a principal ação positiva que nós estamos fazendo. Eu tenho certeza que o reitor que vier depois vai encontrar a universidade sem grandes problemas internos, num nível de organização jamais alcançado. Além disso, é certo que temos realizado algumas obras fundamentais, que nós sempre achamos que deveriam ser feitas. E ainda estamos trabalhando no sentido de



construir, até 2012, um centro olímpico, que vai beneficiar não somente a comunidade universitária, mas também toda a população do Estado. Isso sem falar em Cruzeiro do Sul, onde estamos realizando inúmeras obras de infra-estrutura.

E no tocante a avanços acadêmicos...

No que diz respeito aos avanços acadêmicos, nós estamos conseguindo vários cursos de doutorado, como são os casos de História, Direito e Recursos Hídricos, todos em caráter interinstitucional. Os nossos professores terão a oportunidade de fazer o seu doutoramento sem precisar abandonar os seus domicílios e eu acho que, com isso, a Ufac vai reforçar substancialmente o seu quadro de docentes plenamente qualificados.

STA ASSMAR

e metas da primeira mulher versidade Federal do Acre



MAGDA TOMAZ

para as usinas de Rondônia, podemos dizer que será um empreendimento que vai gerar empregos, um mercado mais aquecido, além do que teremos uma integração mais estreita com os países vizinhos da Bolívia e do Peru. A extensão dessa energia ultrapassará as fronteiras do Brasil. E nós, da universidade, com a mobilidade estudantil, o que a gente quer é fazer os países vizinhos parceiros. E a nossa proposta do campus de Brasília, inclusive, é justamente a de uma universidade que possa estar desenvolvendo com mais ênfase essa questão da integração.

No seu discurso de campanha, a senhora disse que gostaria de ser reitora para “construir uma universidade amazônica a altura do seu significado e do seu simbolismo, pedagogicamente qualificada, cientificamente pertinente e socialmente relevante”. A senhora ainda acredita nesse objetivo? É possível afirmar que a Ufac um dia ainda vá se tornar um centro de excelência, uma referência do saber amazônico?

Eu acho que a gente tem, pelo menos em parte, essa competência. O que a gente não tem na universidade é uma memória, um trabalho que possa mostrar as pesquisas que são feitas dentro da universidade, além de uma consciência daqueles que pesquisam de centrar essas pesquisas em determinadas áreas, num viés que possa trazer benefícios para a instituição. Nós este ano estamos lançando um seminário de inovação tecnológica, no sentido de que possamos trabalhar isso com os pesquisadores, para que seja possível criar em nível local um grande número de patentes. Talvez isso possa fazer com que a gente venha a conhecer muitas das pesquisas realizadas em nível interno, que hoje circulam por várias regiões do mundo, mas que são desconhecidas da maioria de nós. Então, o que a gente está tentando fazer, levando em conta que muito dessa competência a gente considera que já está devidamente instalada, é resgatar esses trabalhos e tentar incentivar esses pesquisadores para agruparem as suas pesquisas e, assim, servirem de referência para a instituição. Mas é preciso dizer que a meta de campanha não pode ser alcançada por mim sozinha. Eu dependo das pessoas que são pesquisadoras, principalmente das áreas tecnológicas. A minha área, por exemplo, é a área das humanas, que ajuda, mas não se constitui no viés principal dessa questão. As áreas mais expressivas são a da sustentabilidade, do desenvolvimento regional... Nesse aspecto, eu tenho certeza que nós temos trabalhos excelentes, mas, lamentavelmente, de forma fragmentada. Em outras palavras, se a gente tiver grupos de pesquisas fortes, onde as pessoas se predisponham a sair das vaidades, do



CEDIDA

Reitora Olinda Assmar recebe cumprimentos do ministro da Educação Fernando Haddad

estatuto do eu para o nós, isso vai trazer um benefício substancial para todo mundo: para os pesquisadores, para a instituição e para a sociedade.

E no que diz respeito à pesquisadora Olinda Batista Assmar... Tem dado para desenvolver algum tipo de pesquisa nesses tempos de reitorado?

Eu continuo fazendo pesquisa, levando em frente o trabalho “A Amazônia: os vários olhares”, numa fase em que estão sendo trabalhados os romances regionais. Dirijo neste momento duas bolsistas e oriento a dissertação de duas mestrandas. Uma delas está trabalhando com a poesia do Juvenal Antunes, “As Veredas”, que é um trabalho que está ficando muito bom. A outra, assim como as bolsistas, estão trabalhando o gênero romance. Ao mesmo tempo, no que diz respeito à pesquisa, eu estou trabalhando com duas ajudantes na organização do trabalho de poesias, ainda na segunda etapa de Cruzeiro do Sul. Esse trabalho, no caso, se configura no segundo volume, sobre poesias publicadas em jornais, que eu quero publicar em livro ainda esse ano. O trabalho todo abrange poesias, crônicas, cartas e romances. Já percorremos todos os municípios reunindo e analisando esse tipo de material literário. E já publicamos alguns volumes com esse material. Mas ainda falta muito por organizar e, consequentemente, publicar. Um trabalho que eu considero da maior importância, para o resgate da cultura do Acre. A Olinda reitora, portanto, apesar de todo o tempo necessário para a realização das atividades de gestora, não abandonou as atividades de pesquisa. Normalmente, eu passo a semana

desenvolvendo as atividades rotineiras da reitoria, enquanto que os finais de semana são reservados ao atendimento dos meus bolsistas e orientandos.

Em face de tantos problemas que a senhora tem enfrentado, nas mais diversas áreas da universidade, se fosse possível voltar no tempo, a senhora se candidataria outra vez para o cargo de reitora?

Eu considero que sim. Tudo o que eu tenho passado enquanto reitora, às vezes sofrendo muitas injustiças... Eu tenho consciência de que estou fazendo um trabalho para o bem de todos... Eu não estou fazendo um trabalho pra mim. E eu tenho a convicção de estar contribuindo para ver a Ufac mais forte ainda no futuro. E eu acho que não tem vitória sem sacrifício. Eu considero que estou fazendo um sacrifício neste momento, porque fui eleita e estou sofrendo as consequências de algumas coisas que não foram bem feitas no passado. Mas isso são ossos do ofício. Quando a gente assume um cargo, a gente sabe que vai assumir o presente e o passado. Eu tenho consciência disso e gostaria que as pessoas entendessem isso também. Mas, infelizmente, existe uma incompreensão muito grande e eu não posso fazer o que eu quero fazer. Eu tenho um padrão, eu tenho órgãos que regulam a vida da administração pública. E quem estivesse no meu lugar sentiria isso, da mesma forma que sentirá aquele que vier a estar no futuro. Só se sabe a dimensão do que é estar reitor, quando se está sentado nessa cadeira. Fora é muito fácil falar!

Em sua opinião, o que a Ufac realmente representa para o desenvolvimento acreano?

Eu acho que a universidade é uma instituição estratégica para o desenvolvimento regional e tem atendido o Estado nas demandas de pessoal qualificado, além de vir contribuindo com pesquisas e com a implementação das mais diversas políticas públicas estaduais. Eu vejo que o futuro da universidade, com um centro de excelência em energia, e também com a instalação do campus de Brasília, tudo isso fará da instituição uma força cada vez mais expressiva no futuro próximo. Se nós considerarmos que num centro de excelência em energia, além da produção peculiar de uma unidade dessa natureza, ainda teremos a produção de insumos

Treinamento em gestão de pessoas para servidores

Ufac tem cento e oitenta mil reais para investir na qualificação do seu quadro de pessoal

MAGDA TOMAZ

Desde 2005, a lei 11.091 orienta as universidades públicas brasileiras a financiarem cursos de capacitação e treinamentos ao seu corpo técnico-administrativo. Nesse sentido, a Universidade Federal do Acre (Ufac) tem cento e oitenta mil reais para investimentos em treinamento do quadro de pessoal. São cinquenta cursos previstos com prazo de dois anos para a realização. Cada unidade administrativa elaborou sua proposta de acordo com a necessidade do setor.

O doutor José Cláudio Mota Porfiro, um dos responsáveis pelo projeto, esclarece que a universidade está empenhada para promover aos técnicos cursos que possam auxiliar e dinamizar o cotidiano na universidade.

“A capacitação oferece oportunidades de ascensão funcional para todos os servidores, independentemente do seu campo de atuação” afirma Porfiro. “Enviamos para cada setor da instituição a proposta de elaboração do plano e cada unidade nos relacionou as prioridades de cada departamento. A partir daí, elaboramos o plano”.

A participação no treinamento em gestão de pessoas é para todos os funcionários da instituição, porém, só será aceita matrícula nos cursos correspondente a área de cada técnico.

“O foco principal é o desenvolvimento humano aliado



FOTOS/MAGDA TOMAZ

A participação no treinamento em gestão de pessoas, oferecido pela Universidade Federal do Acre, destina-se a todos os funcionários da Instituição

ao desenvolvimento da instituição. Cabe ao funcionário observar o que é realmente interessante para a ele e para a Ufac”, afirma José Porfiro.

Os cursos serão ministrados por professores que não fazem parte do corpo docente da instituição. A Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas dispõe de um banco de professores. Esse banco ainda está sendo formado. Os profissionais que tiverem avaliação positiva, será um provável candidato a ministrar cursos nas próximas

turmas. No final, o aluno receberá certificado de participação de cada curso.

Para a assistente em administração, Iara Batista Serato, lotada na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, o curso é necessário para orientar os funcionários as suas obrigações. “Essa palestra veio justamente para ajudar o servidor tanto para administrar suas tarefas quanto para agilizar. Por que quando a gente chega, fica meio perdido e demora um pouquinho para se adaptar”, afirma assistente.

Cerca de quarenta servidores participaram do treinamento que teve início no dia 18 de abril e se estendeu até o dia 20. Noções de direitos trabalhistas, orientação normativa, orientações sobre o Plano de Execução do processo de dimensionamento, capacitação e avaliação dos Servidores entre outros cursos foram oferecidos nos três dias de treinamento.

Iara Serato, assistente em administração, lotada na Prodegep



Por uma ou mais vidas dignas

JOSÉ CLÁUDIO
MOTA PORFIRO

O

empreendimento humano na modernidade é articulado a partir de uma base tridimensional. Mensuram-se os recursos disponíveis, capacitam-lhes convenientemente e, enfim, avaliam-lhes o potencial a ser colocado enquanto força motriz para a consecução dos objetivos e metas previstos.

Aí, certamente, tem importância o desenvolvimento inte-

grado e sustentável, este, sim, o pilar básico da melhoria da qualidade de vida. Cabe, então, a interferência do Estado que se faz empreendedor e tem como foco o cidadão. Então, é preciso refletir sobre o servidor técnico-administrativo que coloca em movimento esta Universidade.

Tem-se pensado muito a questão do desenvolvimento dos nossos recursos humanos. A partir de bases legais já adequadas às realidades e em prática em outras instituições públicas de ensino superior, foi elaborado um documento denso e bem consubstanciado que detalha, inclusive em termos metodológicos, como devemos proceder para que leve-

mos a bom termo a avaliação, a capacitação e o dimensionamento da nossa força de trabalho.

O primeiro passo foi a elaboração de um documento denominado Plano de Execução do Processo de Dimensionamento, Capacitação e Avaliação dos Servidores Técnico-Administrativos divulgado através do www.ufac.br. Daí, o procedimento a seguir foi a elaboração e aplicação de instrumentos de avaliação que, inclusive, garantiram vantagens financeiras para a maioria dos servidores. Em 2010, algumas ações pontuais foram colocadas em prática, o que marcou o início de um trabalho que teve como resultado um passo

de grande significado para a Instituição. Foi, enfim, elaborado o Plano de Capacitação 2011 / 2012, com a participação de todas as unidades institucionais que houveram por bem sugerir as projeções que dizem respeito ao desenvolvimento institucional. Hoje, o citado documento já é do domínio da comunidade e muitas das instâncias já o fazem produzir os seus primeiros efeitos.

Assim, entre os dias 18 e 20 de abril, como mais uma ação que contempla o desenvolvimento dos nossos recursos humanos, foi levado a efeito um **Treinamento em Gestão de Pessoas** cuja finalidade maior é buscar a capacitação e a qua-

lificação dos servidores técnico-administrativos desta Universidade, notadamente, aqueles que estão em estágio probatório, o que terá como resultado um melhor desempenho por parte destes e, por conseguinte, a melhoria dos serviços prestados à sociedade. Ademais, atende-se ao que preconiza a Lei 11.091, de 12 de novembro de 2005, instituidora e legitimadora de todas as ações colocadas em prática desde agosto de 2010.

Melhor é deixar claro que estes são apenas os primeiros passos de uma grande caminhada.

José Cláudio Mota Porfiro
é assessor da Prodegep.

Juruá tem matéria prima para fabricação de perfumes

No Acre, a planta conhecida como breu é usada apenas como agente terapêutico e incenso

FRANCISCO DANDÃO

Na região do Vale do Juruá, no extremo oeste acreano, pode estar uma das maiores reservas de plantas capazes de fornecer matéria-prima para a indústria de perfumaria e cosmético. Tese de doutorado nesse sentido foi defendida em março do ano passado, na Universidade Federal do Ceará, pelo professor Délcio Dias Marques, sob a orientação do professor Dr. Francisco José Queiroz Monte.

Durante quatro anos, o professor Délcio Dias Marques, dos quadros da Universidade Federal do Acre (Ufac), realizou várias experiências fitoquímicas, com a planta conhecida vulgarmente pelos nomes de breu, breu-branco, almecequeira e breu verdadeiro, tão abundante quanto desprezada pela indústria madeireira na região de Cruzeiro do Sul.

Cientificamente pertencente ao gênero “Protium”, o breu, de acordo com as pesquisas do professor Délcio, apresenta uma grande ocorrência na região do Vale do Juruá. Essas plantas exsudam uma resina com elevada concentração de um óleo aromático que poderá vir a ser usada com bastante sucesso na indústria da perfumaria e



Délcio Marques, professor do Centro de Ciências Biológicas e da Natureza

cosmético, não sendo necessários grandes investimentos para a respectiva exploração.

“Ate a realização da nossa pesquisa, nós sabíamos que o breu era usado pela medicina popular como um importante agente terapêutico, tendo

propriedades anti-inflamatórias, analgésicas, expectorantes e cicatrizantes, além de também ser utilizado como incenso em rituais religiosos, mas não como matéria-prima para a fabricação de perfumes”, diz Délcio Marques.

Importância econômica dos óleos essenciais

O conhecimento dos óleos essenciais data de alguns séculos antes da era Cristã e está ligado aos países orientais. O interesse da humanidade pelos óleos essenciais se fundamentou na possibilidade de obtenção de substâncias aromáticas, bem como de produtos farmacológicos.

Assim, aumentou significativamente o registro de plantas com aproveitamento econômico.

No Brasil, a produção de óleo essencial teve início em meados do século XX, com a produção extrativista de algumas essências. Mas as principais exportações

brasileiras nos anos do século XXI se restringiram ao óleo essencial do Pau-Rosa (*Aniba rosaeodora*), do bálsamo de copaíba (*Copaifera sp*) e da planta denominada pau santo (*Bulnesia sarmientii*).

Até meados da década de 1990, o Brasil apostava na produção de canela sassafrás

(*Ocotea pretiosa*), fonte de safrol, movimentando milhares de dólares. Entretanto, a exploração intensa e predatória da espécie levou o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) a incluí-la na lista de espécies ameaçadas de extinção, proibindo a sua comercialização.

O Brasil também já se destacou na produção de essências de laranja-doce e óleo de eucalipto. Mas ainda tem muito a explorar, principalmente na região amazônica, de acordo com o professor Délcio Marques, para quem “além do

uso industrial na produção de perfumes e fármacos, os óleos essenciais tem um importante papel na ecofisiologia vegetal”.

O texto completo da tese, intitulada “*Contribuição ao conhecimento químico da flora acreana*”, pode ser encontrado na Biblioteca Central da Ufac.

Estudo analisa efeitos do Fundo Constitucional do Norte

FRANCISCO DANDÃO

• Os efeitos dos cerca de 20 anos de Fundo Constitucional do Norte - FNO - no Estado do Acre foi o tema desenvolvido pelo agrônomo Régis Alfeu Paiva, no Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Acre (Ufac). Orientado pelo professor Carlito Cavalcanti, o trabalho, um dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre, foi defendido no final de fevereiro de 2008.

O estudo revelou que os recursos oriundos da arrecadação de impostos e destinados para investimentos com juros subsidiados na Amazônia foram geridos em forma de uma política de Estado. Esta, por sua vez, “resultou em concentração de renda, onde os maiores benefi-

cios foram para as classes mais abastadas, num atendimento à “cruel lógica dos mercados”, diz Régis Alfeu.

Estudo analisou 17 linhas de financiamento entre 1989 e 2005 - Para se verificar a existência de impacto (positivo ou não) analisou-se a economia do Estado, sobretudo nas produções agrícola, extrativa, evolução dos rebanhos e número de empresas. Foi realizada também uma análise dos dados econômicos com os indicadores sociais, tais como emprego formal e renda. Com essa pequena análise da socioeconomia local fez-se a correlação para com as 17 linhas de financiamento.

As fontes de pesquisa foram a Superintendência do Banco da Amazônia no Estado do



Régis Alfeu, mestre em Desenvolvimento Regional pela Ufac

Acre (dados dos financiamentos), Fundação Getúlio Vargas (renda), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (pro-

dução agrícola, pecuária, extrativa, número de empresas), Ministério do Trabalho - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (TEM-Caged: emprego formal).

Conclusões revelam concentração e poucos resultados em termos de desenvolvimento - Entre as constatações finais do trabalho, a de que, em vez de dirimir desigualdades intra-regionais, estas se ampliaram, com os recursos sendo concentrados na região menos miserável do Estado.

“O Vale do rio Juruá”, explica Régis Alfeu, “foi preterido ao longo dos anos. Assim, o fundo reforçou a tendência de concentração dos investimentos em locais mais fortes economicamen-

te, reforçando a necessidade de melhor alocação geográfica para haver um desenvolvimento regional”.

“Além disso”, continua Alfeu, “a concentração dos recursos na região da Capital mostra que o atendimento ao conjunto do funcionalismo público é que maior pressão exerce na lógica bancária, pois estes representam a principal força econômica do Estado. Com isso, o crescimento foi entregue às ‘mãos do mercado’ e do capital, o que contribuiu para aumentar as desigualdades acreanas”.

O texto completo do trabalho, intitulado “*O FNO no Estado do Acre: recursos do povo, política de estado, benefícios da elite*”, pode ser encontrado na Biblioteca da Ufac ou no endereço eletrônico <http://www.eumed.net/libros>.



Quem você pensa que é?

FRANCISCO DANDÃO

Até um dia desses atrás, eu tinha absoluta certeza de saber quem eu era. Mas eis que, não mais que de repente, apareceu, em forma de livro, uma pedra no meu caminho. Foi começar a ler o tal livro, chamado “*Comunicação e identidade - Quem você pensa que é?*” - assinado pelo doutor Luís Mauro Sá Martino -, para as minhas convicções ruírem.

A partir das indagações de quais seriam os critérios de conhecimento usados por uma pessoa para identificar a si mesma, de onde é que vieram esses critérios e, igualmente, de como é que foi montado o quadro mental a partir do qual uma pessoa compreende as outras, eu entendi que o que (ou quem) eu penso que sou tem tudo a ver com o meu nível de conhecimento.

Sendo verdade essa premissa, logicamente, a identidade da gente estaria, então, visceralmente ligada à comunicação. Ou seja, a identidade pode ser entendida a partir de uma perspectiva cognitiva, como bem frisaram os autores James David e Oliver Gandy, no artigo *Racial Identity and Media Orientation*, publicado no vol. 29 do *Journal of Black Studies*.

Segundo James David e Oliver Gandy, o conhecimento que temos do mundo “nos oferece um quadro completo de referências a partir das quais vemos a nós mesmos e conferimos sentido ao mundo social”. Seríamos, portanto, uma espécie



de tela onde as imagens projetadas estariam formadas por uma multiplicidade de espelhos refletindo-se ao infinito.

Resumindo a ópera, a identidade que a gente imagina ter construído ao longo da vida como indivíduo senhor do próprio destino, não passa, pela tese do livro do doutor Luís Mauro Sá Martino, do resultado da convergência (e interação, é claro) de mensagens trocadas entre pessoas e culturas. Produzida, portanto, e em constante processo de reelaboração.

As etapas de produção das mensagens, diz Sá Martino, “são os momentos de construção da identidade, e isso já implica a maneira como vamos decodificar as outras mensagens que chegarem até nós”. Quem nós pensamos que somos, então, nada mais é do que uma noção cultural construída por outros de nós, de acordo com os mais variados interesses.

Estamos entendidos até

aqui? Pois bem. Vamos então em frente, para responder às perguntas que não querem calar. Sendo tudo isso verdadeiro, quais os principais meios de construção dessa identidade? Como é que nós somos conduzidos a ter um pensamento sobre as diversas situações ou opinião sobre qualquer assunto? O que é que estabelece nossos conceitos?

Num mundo de profunda fragmentação do pensamento, onde todos os sólidos há muito se dissolveram no ar, deixando o espaço para a velocidade das imagens tudo estabelecer, inclusive a cor das nossas unhas ou o cheiro das nossas vísceras num verão bem ali na linha do horizonte, a resposta se afigura única: é a mídia que constrói as nossas identidades!

As atuais identidades “passam pela mídia, se articulam com as pessoas e se transformam em novos modelos de compreensão”, afiança Sá Martino. E cada vez mais pessoas, explica Thomas Fitzgerald, no artigo *My Culture made me do it: Media, identity and the politics of recognition*, “dividem uma cultura abrangente, mediada pela comunicação”.

Volto, então, para o topo do texto. Assim, o torno uma espécie de círculo, sem começo ou fim, na ilusão de que cabeça e rabo se encontrem e possam fechar o corpo e as idéias em torno de mim mesmo. Sobre quem eu penso que sou? Sei cada vez menos. Mas penso que talvez a resposta esteja numa novela global... Ou na toca do coelho por onde Alice escorregou...

Livros e Idéias

FRANCISCO DANDÃO

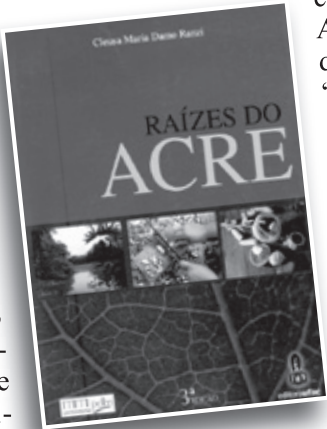
Obra: Raízes do Acre
Autora: Cleusa Damo Ranzi
Editora: Livrarias MM Paim e Edufac

Livro originário da dissertação de mestrado da historiadora Cleusa Ranzi, concluído em 1981, na PUC-RS, *Raízes do Acre* foi publicado, de acordo com a autora, na intenção de “fornecer subsídios às gerações que buscam compreender as bases da formação do Acre e os aspectos norteadores que marcaram a primeira fase da construção do Estado”.

Dividida em quatro capítulos, a obra da professora Cleusa Ranzi discorre

especificamente sobre os seguintes temas: “Aspectos da evolução sócio-econômica e política do Acre no período 1870-1912”; “Elementos humanos formadores da sociedade dos seringais”; “O seringal, sua estrutura e seus contatos com o exterior”; e “A sociedade dos seringais”.

À venda na Edufac, campus universitário, pavilhão Esther de Figueiredo Ferraz.



Obra: Caminhando na Floresta
Autor: Gomercindo Rodrigues
Editora: Edufac

Lançado no segundo semestre de 2009, o livro *Caminhando na Floresta*, do engenheiro agrônomo e advogado Gomercindo Rodrigues, é o relato de uma testemunha ocular da história regional, tanto do prisma de Chico Mendes quanto da resistência secular dos seringueiros acreanos, na defesa da floresta e dos ideais da economia extrativa do povo acreano.

Dois personagens notáveis da história recente do

Brasil recomendam a leitura deste livro: o jornalista Zuenir Ventura, para quem o texto de Gomercindo Rodrigues abrange importantes aspectos etnográficos e antropológicos; e a ex-senadora Marina Silva, para quem o olhar do autor tem a diferença de fazer valer um viés “marcadamente militante”.

À venda na Edufac, campus universitário, pavilhão Esther de Figueiredo Ferraz.



Obra: Processos de Territorialização e Identidades Sociais - Vol. 1
Organizadores: Norma Valencio, Elder Andrade de Paula e Antônio Carlos Witkoski
Editora: Edufac

O principal elemento motivador do livro é a tentativa de expressar, sob vários prismas, entre os quais os da sociologia, da geografia, da economia, da psicologia, da filosofia e da política, os diversos processos de violência contra grupos vulneráveis no Brasil atual, sobretudo os que têm suas identidades reforçadas pela forma específica da sua territorialidade.

No dizer dos autores, na apresentação da obra, “ao

fornecer elementos recentes para a reflexão acerca dos debates nas relações de trabalho, da luta pela terra, dos conflitos sócio-ambientais, das manifestações culturais, da sobrevivência ante os desastres, tem-se por propósito acalantar uma permanente problematização do espaço social...”

À venda na Edufac, campus universitário, pavilhão Esther de Figueiredo Ferraz.



Formação em Agroecologia para jovens extensionistas

Projeto é respaldado por termos de cooperação técnica entre Universidade Federal do Acre e Incra

Professores do Campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, aprovam o projeto “Formação em Agroecologia de Jovens Extensionistas da Mesorregião do Vale do Juruá-AC”.

O projeto, contemplado no Edital MDA/SAF/CNPq – N° 58/2010, visa à criação e consolidação de grupos de agroecologia em Instituições de Ensino Superior.

Participam do projeto os professores MSc. Elízio Frade Junior, Dra. Eliane de Oliveira, Eduardo Pacca Luna Mattar, MSc. Augusto Nagy, Francesca Salla e MSc. Valquíria Garrote, que lecionam nos cursos de Agronomia, Engenharia Florestal, Biologia, Enfermagem e Formação Docente Indígena.

A equipe executora apresenta concepção multidisciplinar e, além de pesquisas na área de agroecologia, também desenvolve ações de extensão rural através do Programa de Extensão Rural da Amazônia Ocidental - Proera -, no Projeto de Desenvolvimento Sustentável - PDS - Jamil Jereissati.

O Proera busca a melhoria das condições de vida das populações rurais através da facilitação do acesso destas às políticas públicas disponíveis. Entre



Professores do campus Floresta em reunião com assentados do Projeto de Desenvolvimento Sustentável Jamil Jereissati

as ações no PDS destacam-se o diagnóstico e planejamento participativo, a elaboração de projetos produtivos para obtenção do crédito Instalação na Modalidade Fomento, a recuperação ambiental em projetos de assentamento, além de ações na área de saúde comunitária (mulher e criança) desenvolvidas pelos Prof. Cristiano Gil Regis e Aleksandra Pinheiro da Costa.

Tais ações e Projeto são respaldadas por termos de cooperação técnica firmados entre a Ufac e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e a Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Sul. Tal parceria está permitindo com que os alunos do Campus Floresta desenvolvam atividades práticas de Pesquisa e Extensão, discutindo a realidade da agricultura familiar e o desen-

volvimento de tecnologia (agroecológica) apropriada para região.

Com a aprovação desse novo projeto busca-se como principal objetivo o fortalecimento e a consolidação de um grupo de referência de Agroecologia no Campus Floresta, enfocando principalmente a formação integrada à ação-reflexão da agroecologia a partir do contexto local, envolvendo tanto os

docentes e discentes como profissionais externos e produtores.

O projeto será desenvolvido em duas etapas paralelas e complementares: (I) o desenvolvimento de um programa de formação dos envolvidos no processo de extensão agroecológica e (II) planejamento e execução dos cursos no PDS Jamil Jereissati contando com a participação de técnicos extensionistas estaduais lotados no município de Cruzeiro do Sul.

O programa de formação prevê a participação dos docentes e produtores em cursos, assim como visitas técnicas em instituições de referência em Agroecologia no país e no exterior, como, por exemplo, o “Catie”, na Costa Rica. Além disso, prevê o intercâmbio de estudantes com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Embrapa Agroecologia.

Ainda dentro do escopo do projeto estão previstas as seguintes metas: diagnóstico e aplicação de 210 créditos de fomento, Plano de Desenvolvimento do Assentamento do PDS Jamil Jereissati construído com participação da comunidade, desenvolvimento de dois vídeos, criação do site do grupo de agroecologia, acervo bibliográfico e seminário com a participação de instituições e pesquisadores externos na área de agroecologia.

Vestibular e “vestibulinho”: um falso debate

GERSON
ALBUQUERQUE

Toda a

ênfase sobre o último concurso vestibular da Universidade Federal do Acre (Ufac), especialmente, a que envolve um determinado conjunto de parlamentares acreanos, coloca em evidência não apenas o despreparo desses “representantes do povo”, mas, principalmente, a mais completa incompreensão sobre o que significa uma instituição pública de ensino superior.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu artigo 56, preconiza que as “instituições públicas de educação superior obedecerão ao princípio da gestão democrática, assegurada a existência de órgãos colegiados

deliberativos, de que participarão os segmentos da comunidade institucional, local e regional”. No espectro dessa “gestão democrática”, nenhum reitor ou pró-reitor pode decidir sobre os certames públicos, a criação ou extinção de cursos e programas de ensino, as ações de pesquisa e extensão ou quaisquer outras decisões que extrapolem os limites das instâncias administrativas e executivas.

O concurso vestibular, assim como os demais concursos públicos, realizados no âmbito da Ufac, com suas regras, perfis, vagas e tudo o que lhes seja pertinente, sob o manto do que reza a legislação em vigor, são alvo de discussão e deliberação pelos órgãos colegiados desta instituição e, principalmente, pelo Conselho Universitário, instância máxima deliberativa no nível acadêmico e administrativo. Portanto, nada, absolutamente nada, poderia ou pode ser decidido

ou alvo de acordo da administração da universidade com o Ministério Público Federal, deputados ou candidatos ao vestibular, sem ferir a gestão colegiada e, invariavelmente, à legislação.

Sob a vazia retórica da “defesa da sociedade” e visivelmente desorientado, um conjunto de deputados estaduais tem feito ecoar a repetitiva cantilena de que a “Ufac descumpriu o acordo feito com o MPF”, “a Ufac foi desonesta”, “a Ufac traiu os deputados e o MPF”, “a Ufac fez molecagem”, etcetera. Um desses parlamentares foi um pouco mais longe e disparou que o “Conselho Universitário da Ufac é conservador, retrógrado e injusto. Ousa desrespeitar a vontade do povo do Acre. Nos faz de palhaços depois de acordo firmado” (sic).

Nessas intervenções palavrosas, residem alguns equívocos e muito desconhecimento de causa.

Creio que o principal deles é tratar a Ufac como se fosse uma pessoa com vontade própria, desejos, sonhos, CPF, RG, e não uma instituição pública. Daí as pérolas: “a Ufac traiu; descumpriu; desacordou; mentiu; enganou”, entre outros termos que, pela frequência com que aparecem na boca de “nossos representantes”, parecem muito naturais em seus afazeres cotidianos. Por que não “dar nome aos bois”, como se diz no popular, e apresentar à sociedade os termos do acordo e seus signatários? Quem usou o nome da Ufac para fazer acordo? Quem fez, indevida e imoralmente, acordo com a coisa pública?

Somente as mentes obtusas e incapazes de conviver na arena pública concebem a verdade como coisa única, atávica, imutável. A filósofa Marilena Chauí nos chama a atenção para a necessidade de aceitarmos os “conflitos

entre concepções que se propõem a dizer a verdade”, isso porque a verdade não é um dado “natural” que brota da terra. A “verdade é um trabalho do pensamento, um esforço de questionamento, uma maneira de interrogar o mundo”, prossegue, convidando-nos a abrir os olhos e apreender o mundo como algo infinitamente maior e inalcançável ao filtro de nossas certezas e pretensões individuais.

Os equívocos e excessos cometidos pelos profissionais que elaboraram e fizeram cumprir as regras estabelecidas para normatizar o certame vestibular não podem ser utilizados como moeda de troca para que se acenda “uma vela para Deus e outra para o diabo”, como defendem muitos dos que têm se manifestado sobre a questão (...)

Texto completo pode ser encontrado no seguinte endereço:
www.ufac.br, seção “notícias.

EDSON GUILHERME DA SILVA



Tese identifica todas as espécies de aves existentes no Acre

665 espécies foram confirmadas para o Acre, distribuídas em 73 famílias e 23 ordens

FRANCISCO DANDÃO

Um levantamento minucioso sobre a diversidade avi-faunística acreana foi o que se propôs fazer o professor Edson Guilherme da Silva, do Centro de Ciências Biológicas e da Natureza da Universidade Federal do Acre (Ufac), quando da elaboração da sua tese de doutora-

do, realizado entre os anos de 2005 e 2009, no Museu Emílio Goeldi, em Belém/Pará.

Quantas e quais são as espécies de aves do estado do Acre; como essas espécies estão distribuídas dentro do estado; e qual o seu grau de conservação, foram os principais questionamentos levantados pelo professor Edson Guilherme durante as cerca de vinte expedições empreendidas durante a sua pesquisa, durante

os anos de 2006 e 2007.

Ao final da pesquisa, explica Edson Guilherme, “exatamente 665 espécies foram confirmadas para o Acre, distribuídas em 73 famílias e 23 ordens, sendo que cinco destas espécies foram registradas pela primeira vez em território brasileiro. Casos, por exemplo, do flamingo-da-puna, do pica-pau anão, do flautim-rufo, do arapaçu-

-detschudi e do caneleiro”.

O trabalho final, aprovado com justificado louvor, sob o título “*Avifauna do Estado do Acre: Composição, Distribuição Geográfica e Conservação*”, tenta, de acordo com Edson Guilherme, “sintetizar e descrever da forma mais acurada possível a diversidade e a distribuição de um grupo animal específico, as aves, ao longo do estado do Acre”.

JAHNNYNE LIMA



Edson Guilherme, professor do Centro de Ciências Biológicas e da Natureza

EDSON GUILHERME DA SILVA



Acréscimo de 45 espécies

O estudo empreendido pelo professor Edson Guilherme da Silva, entre outras contribuições valiosas para a ciência amazônica e brasileira, também teve o poder de acrescentar mais quarenta e cinco espécies à avifauna acreana, sendo que vinte e duas destas espécies são conhecidas em território nacional somente a partir dos registros feitos no Acre.

Outro detalhe curioso é o de que apenas uma das espécies registradas na tese está presente na lista divulgada pelo Ibama das aves brasileiras

ameaçadas de extinção. “No entanto”, afirma Guilherme, “de acordo com a lista do *Internacional Union for Conservation of Nature* (IUCN), são dez as espécies classificadas na categoria quase ameaçada”.

A pesquisa registrou, ainda, 59 espécies migratórias, oriundas de sítios de reprodução fora do bioma amazônico, dos tipos migrantes neárticas, intra-tropicais ou austrais. Em relação às 596 espécies de aves florestais que se reproduzem no Estado, um total de 405 se distribui em todo o Acre.

Eficiência das áreas protegidas

Uma análise de lacunas para verificar o estado de conservação das aves residentes no Acre, visando avaliar a eficiência do sistema de áreas protegidas pelo estado na conservação dessas espécies também foi objeto do estudo do doutor Edson Guilherme da Silva.

A conclusão chegada a partir dessa análise foi a de que o conjunto de todas as áreas protegidas (Unidades de Conservação e Terras Indígenas) ocupa uma área capaz de proteger quase 90% das aves florestais residentes no Estado.

Mesmo assim, explica Guilherme,

“as aves associadas às formações vegetais de baixo porte do oeste do Acre estão desprotegidas, uma vez que esses ambientes encontram-se fora do sistema de áreas protegidas do Estado”.

Para quem desejar saber mais sobre o assunto, o texto integral da tese pode ser encontrado na Biblioteca Central da Ufac.

* As informações para a produção deste texto foram pesquisadas no jornal Destaque Amazônico, edição de julho de 2010, matéria assinada pela jornalista Vanessa Brasil.